

Especial

Uma estrada gloriosa

Brasília é um celeiro de grandes músicos e artistas talentosos. Pessoas que fazem da arte um manifesto e uma luta contra o ódio e o preconceito. Levando, com todo o acalento do mundo, um pouco de leveza e inspiração para os que necessitam. Ellen Oléria, 42 anos, certamente é uma dessas tantas histórias iluminadas do quadrado. Nascida no Lago Sul e criada entre Ceilândia e Taguatinga, ela chega, em 2025, aos 25 anos de carreira.

Apesar da longa estrada, manter-se consolidada ou até mesmo alcançar esse posto, não é nada fácil. Muito menos quando se reflete sobre os desafios que é ser uma referência para aqueles que cresceram sem saber o que é isso. “Viver da música é um privilégio, muitos parceiros da área não conseguem. Quando penso na minha caminhada, só me vem à cabeça uma palavra: gloriosa”, afirma. Mas não há apenas luminosidade ao longo da ponte entre o sonho e a realização.

Em boa parte desse trajeto, os percalços e o desânimo. Aliados a isso, o fato de ser uma mulher negra em busca de um sucesso que sempre pareceu distante. “O mercado é um grande desafio para nós, mulheres negras. Pensar nessa inserção de uma maneira igualitária ainda é uma utopia, mas a gente segue na peleja. Atualmente, temos expoentes mostrando que é possível, sim, ressignificar nossa história e pensar nela a partir de outros lugares”, destaca.

Nos momentos em que esmoreceu, precisou de resiliência para persistir. Não somente isso, como a ajuda de parceiros e parceiras, para que não se sentisse sozinha nessa guerra histórica. “Sou muito grata às minhas produtoras, minhas parceiras, amigas que sempre investiram energia em mim. Muita fé também de acreditar no trabalho que não se deixava abater”, detalha. De fato, ter uma rede de apoio foi primordial para que Ellen não se distanciasse do propósito, tampouco da ideia de ser uma representante negra e mulher nos palcos do mundo.



Diego Bresani

Para Ellen, o mercado da música é um grande desafio para mulheres negras

Depois do sucesso

Na visão da artista, tudo mudou desde o início de sua caminhada na música. Ter o reconhecimento do público foi determinante para que várias portas se abrissem. Em 2012, por exemplo, é possível citar sua belíssima participação no programa *The Voice*, quando ganhou holofotes nacionais. “Encontrei mais credibilidade, tanto dos críticos quanto da imprensa. Tudo isso foi importante para como eu seria vista dali em diante e para pensar o lugar que ocupo na música. Meus fãs me carregaram no colo.”

Como musicista, ela acredita que a arte pode ser uma ferramenta fundamental na luta contra o racismo. “O jazz é preto, o blues é preto, o hip-hop é preto, o rock é preto. No Brasil, o coco

é preto, o forró é preto, o samba é preto. Como grande referência nossa, a Alaíde Costa, para dizer que a bossa nova também tem raízes pretas. Se a gente olhar com carinho para o que conseguimos produzir até aqui, vamos ver que o povo preto é iluminado, que sobreviveu a um dos maiores genocídios da história da humanidade para construir preciosidades”, menciona.

Para o futuro, o desejo é de continuar sendo uma voz além da música. Retribuir o carinho do público e ser um espelho para a população negra. Levar o que aprendeu em Brasília para os quatro cantos do mundo e retribuir todo afeto que sempre recebeu com canções. “Onde eu for, o Distrito Federal vem comigo. Meu público, minha cidade, sou muito grata por tudo isso. Quero encher esse mundo de beleza.”